

O herói mitológico em “o mito do nascimento do herói” de Otto Rank

The mythological hero in “the myth of the birth of the hero” by Otto Rank

Ana Tércia Rosa Alves¹, Weiny César Freitas Pinto²

Como citar esse artigo. ALVES, A. T. R. PNTTO, W. C. F. O herói mitológico em “o mito do nascimento do herói” de Otto Rank. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 3, p. 335-346, set./dez. 2024.

Resumo

Este artigo investiga a análise e interpretação do mito do herói por Otto Rank em seu livro “O mito do nascimento do herói” (1909/1922), no contexto da aplicação da Psicanálise à Mitologia. A investigação foca na contribuição de Rank para a compreensão simbólica dos mitos sob a perspectiva psicanalítica. Uma vez que Freud reconheceu a contribuição das ciências humanas para a Psicanálise, o estudo justifica-se pela necessidade de compreender a interseção entre Psicanálise e Mitologia. O objetivo geral é analisar a abordagem de Rank em relação ao mito do herói, destacando sua metodologia e suas principais conclusões. Foram utilizadas duas traduções da obra de Rank, uma em inglês, baseada na edição de 1909, e outra em português, da edição ampliada de 1922, para comparar e explorar as contribuições de Rank ao longo de suas publicações.

Palavras-chave: Psicanálise; Mitologia; Otto Rank.



Abstract

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

This article examines Otto Rank’s analysis and interpretation of the hero myth in his book “The Myth of the Birth of the Hero” (1909/1922), within the context of the application of psychoanalysis to mythology. The investigation focuses on Rank’s contribution to the symbolic understanding of myths from a psychoanalytic perspective. Since Freud recognized the contribution of the humanities to psychoanalysis, the study is justified by the need to understand the intersection between psychoanalysis and mythology. The general objective is to analyze Rank’s approach to the hero myth, highlighting his methodology and main conclusions. Two translations of Rank’s work were used, one in English, based on the 1909 edition, and another in Portuguese, from the expanded 1922 edition, to compare and explore Rank’s contributions throughout his publications.

Keywords: Psychoanalysis; Mythology; Otto Rank.

Introdução

A Psicanálise tem como objeto de estudo todo material relacionado com o inconsciente, e sabe-se que as artes, os mitos e a literatura possuem uma linguagem simbólica com conteúdos intimamente conectados com o inconsciente e a cultura, portanto, Freud (1926/1974) recomendou que os analistas

Afiliação dos autores:

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil.

²Doutor em Filosofia. Professor do curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil.

E-mail de correspondência: ana.tercia@ufms.br

Recebido em: 06/09/2024. Aceito em: 17/10/2024.

se familiarizassem com os conhecimentos das ciências humanas, afirmando que a falta de familiaridade com essas áreas limitaria a compreensão do material clínico com o qual trabalhavam. Assim, em 1912 a revista “Imago” foi fundada com o objetivo de publicar artigos voltados para a aplicação da Psicanálise às Humanidades, o que demonstra o interesse dos psicanalistas austríacos em manter o diálogo entre essas diferentes áreas do conhecimento ainda no início do movimento psicanalítico (Padovan; Darriba, 2016).

Outrora editor da revista Imago, Otto Rank foi um dos primeiros pesquisadores a desenvolver estudos de Psicanálise aplicada a Mitologia, defendendo uma tese de doutorado em Filosofia em 1912 intitulada “*Die Lohengrinsage*”³, que é considerada a primeira tese embasada nos estudos psicanalíticos da Universidade de Viena (Padovan; Muller, 2016). Rank afirmou que alguns mitólogos, como Laistner e Roscher, já haviam reconhecido a importância da vida onírica para a compreensão dos mitos, mas não possuíam conhecimento dos estudos de Freud para compreender melhor o seu simbolismo e sua proximidade com outros fenômenos psíquicos, portanto, ele acreditava que a Psicanálise possuía o melhor referencial teórico para o estudo dos mitos (Rank, 1922/2020).

Levando todo esse contexto em consideração, o presente artigo se propõe a discorrer sobre como Rank analisa e interpreta o mito do herói no livro “O mito do nascimento do herói”, publicado originalmente em 1909 e expandido em uma segunda edição em 1922. Para a realização deste estudo, foram consultadas duas traduções: a versão em língua inglesa, feita por Robbins e Jelliffe (1990), baseada na edição de 1909, e a versão em língua portuguesa, realizada por Medeiros (2020), derivada da edição ampliada de 1922. Ao longo do texto serão abordados os principais tópicos e contribuições que Rank investigou e registrou nessa obra.

A Psicanálise E A Mitologia

O livro⁴ é constituído por três partes que foram nomeadas na tradução de 1990 de:

Introdução, O círculo dos mitos, e A interpretação dos mitos. Na introdução das duas edições, Rank (1909/1990) observa que todas as grandes civilizações antigas reverenciavam personagens que tinham realizado feitos heroicos, e que existiam muitas semelhanças nas narrativas desses heróis, mesmo quando eles pertenciam a culturas diferentes, dos mais diversos períodos. Rank afirma também que essas semelhanças já haviam chamado a atenção de pesquisadores anteriores, e que no início do século XX existiam três teorias populares que tentavam encontrar uma explicação para esses estereótipos mitológicos: a teoria dos pensamentos elementares, a teoria da comunidade original, e a teoria de migração.

Rank (1922/2020) fala que a teoria dos pensamentos elementares sugere que há ideias fundamentais que levam à uniformidade dos mitos, refletindo uma disposição comum da mente humana, que podia se manifestar de maneira semelhante em diferentes épocas e lugares. Já a teoria da comunidade original tenta explicar as semelhanças das narrativas mitológicas sugerindo que essas histórias se originaram em uma região geograficamente favorável, e que foram assimiladas por outros povos até se espalharem globalmente. Por fim, a teoria de migração sugere que os mitos têm sua origem em povos específicos, sendo difundidas para outros povos através da tradição oral, relações comerciais ou influências literárias. Entretanto, Rank sentia-se insatisfeito com as explicações apresentadas pelas três teorias, pois acreditava que elas tentavam explicar apenas a variabilidade e distribuição dos mitos, sem esclarecer realmente qual era a sua origem.

Não podemos reconhecer inteiramente a nítida oposição entre as diferentes teorias e seus representantes, pois, a teoria dos pensamentos elementares e o ponto de vista das posses originárias comuns e da migração ocupam o mesmo espaço. Na verdade, o problema principal não é saber de onde, e de que modo a matéria chegou a determinado povo, mas, de onde ela realmente se origina. (RANK, 2020, p. 16)

3. “A lenda de Lohengrin” em tradução livre. Essa tese foi publicada como livro em 1911.

Rank (1909/1990) afirma que os mitos são resultados da fantasia humana, e que a pesquisa psicanalítica evidencia as necessidades e insatisfações que motivam a formação das fantasias, portanto, a Psicanálise teria muito a contribuir para o estudo dos mitos. Assim, Rank propõe-se a investigar qual seria a origem do mito do herói através da Psicanálise, defendendo que os mitos possuem origem psicológica. Para Rank (1909/1990), entender que os mitos refletem aspectos universais da psique humana é justificável, pois certos padrões mentais apresentam-se comuns em todas as culturas. Desse modo, o estudo psicanalítico dos mitos pode ajudar a entender a fonte comum de onde eles surgem, revelando um conteúdo mitológico idêntico em diferentes culturas e períodos.

Rank (1909/1990) elogia a forma como Freud (1900/2019) interpretou o mito de Édipo no livro “A interpretação dos sonhos”, pois, ao deduzir que os crimes cometidos pelo protagonista seriam a concretização dos nossos desejos infantis, Freud teria demonstrado o quão próximos os mitos são dos sonhos. Dessa forma, Rank entende o mito como “sonho coletivo” do povo que o criou, defendendo que a interpretação freudiana dos sonhos, também poderia ser aplicada aos mitos.

O parentesco íntimo entre o sonho e o mito que se revela aqui, o qual estende-se não apenas ao conteúdo, mas também à forma e às forças pulsionais [*Triebkräfte*] dessas duas construções psíquicas [*seelischer Gebilde*], assim como a muitas outras – especialmente as mais doentias – corrobora perfeitamente a concepção do mito enquanto “sonho coletivo” do povo, como eventualmente demonstrei. (RANK, 2020, p. 23)

Em outras palavras, a estreita relação entre os sonhos individuais das pessoas e os mitos coletivos de uma sociedade não se limita ao conteúdo dos sonhos ou dos mitos, mas também abrange sua forma e as forças motivacionais que os impulsionam. A noção de “sonho coletivo” sugere que os mitos são expressões compartilhadas da psique de um grupo de pessoas, representando preocupações e aspirações comuns dentro de uma cultura ou sociedade (Rank, 1922/2020).

Rank (1909/1990) reconhece que, assim como os sonhos, os mitos necessitam de um trabalho de interpretação complexo para compreender seus simbolismos e significados. Mas como interpretar os mitos? Como perceber as temáticas universais que eles trazem? Primeiramente, é necessário estudar os mitos de vários heróis diferentes e observar o que suas narrativas têm em comum. Portanto, a segunda parte de “O mito do nascimento do herói” é constituída por um “círculo de mitos” que apresenta de forma resumida os mitos de vários heróis. Na primeira edição, Rank investigou os mitos de quinze heróis diferentes: Sargão, Moisés, Karna, Édipo, Paris, Téletio, Perseu, Gilgamesh, Ciro, Rômulo, Hércules, Jesus, Sigfrido, Tristão e Lohengrin. Na edição expandida de 1922 ele acrescentou três outros heróis: Dionísio, Tarkhan e Scaef. Após estudar todos esses mitos, nomeou as repetições de suas narrativas de “lenda padrão”.

Os temas mais recorrentes na lenda padrão incluem: o herói descendendo da alta nobreza, seu nascimento sendo precedido por grandes obstáculos, a manifestação de uma profecia alertando para o perigo que o nascimento do menino causará ao pai, a tentativa do pai de livrar-se da criança, o menino sendo salvo por animais ou por pessoas humildes, o herói reencontrando seus genitores após tornar-se adulto e, por fim, vingando-se de seu pai ao conquistar poder e fama.

O Romance Familiar Nos Mitos

Rank (1909/1990) inicia a terceira parte de seu livro discorrendo sobre a lenda padrão. Ele observa que o relacionamento que os heróis mitológicos possuem com seus pais é bastante conturbado, enfrentando constrangimentos frequentes devido à origem social de seus genitores. Entretanto, Rank afirma que a investigação dos motivos que levam o herói a romper com as relações familiares apresenta

desafios consideráveis, enfatizando a importância de explorar a vida imaginativa das crianças como um ponto de partida essencial para compreender a atividade da imaginação. Nesse sentido, Rank baseia-se no texto “O romance familiar dos neuróticos” de Freud (1909/2010) para fundamentar sua perspectiva.

Freud (1909/2010) inicia seu texto afirmando que o processo de ruptura da autoridade dos pais é um dos momentos mais dolorosos do desenvolvimento, porém necessário e indispensável, já que presume-se que todo indivíduo adulto saudável tenha passado por essa etapa. Ele também afirma que, inicialmente, a criança possui uma imagem idealizada de seus pais, desejando tornar-se semelhante a eles. Entretanto, à medida que crescem e conhecem outros adultos, começam a compará-los com seus pais e passam a duvidar da perfeição que lhes haviam atribuído inicialmente. Podem até mesmo chegar à conclusão de que os pais de outras pessoas são melhores que os seus próprios. Isso faz com que as crianças fantasiem que seus pais biológicos são outros, possivelmente de posição social mais elevada.

Em um estágio posterior do desenvolvimento, quando a criança adquire conhecimento sobre as diversas funções sexuais dos adultos, ela percebe que a maternidade de sua mãe é inegável, enquanto a origem de seu pai permanece incerta. Nesse contexto, ela tende a atribuir qualidades nobres exclusivamente ao pai, enquanto aceita a origem da mãe como algo inalterável. No entanto, Freud (1909/2010) observa que essas fantasias não têm intenções maliciosas, pois servem principalmente para mascarar o afeto genuíno que as crianças sentem por seus pais. Em outras palavras, essas fantasias representam a saudade que as crianças possuem dos pais idealizados do passado.

Uma contribuição interessante a esse tema nos é dada pelo estudo dos sonhos. A interpretação destes ensina que, mesmo em anos posteriores, quando se sonha com o imperador e a imperatriz, essas augustas personagens representam o pai e a mãe. Assim, a superestimação infantil dos pais também é conservada nos sonhos do adulto normal. (FREUD, 2010, p. 298)

Entendendo que parte da fantasia infantil é conservada durante a vida adulta através dos sonhos, Rank (1909/1990) observa paralelismos entre o romance familiar e o mito do herói, fazendo uma analogia entre o eu da criança com os heróis mitológicos. O mito reflete o desejo do herói de desvincular-se dos pais, uma aspiração que também aparece na fantasia infantil durante o período em que a criança busca sua autonomia e independência.

Rank (1909/1990) enfatiza que os pais do mito, tanto os nobres que abandonam o herói, quanto os humildes que o adotam, refletem os dois conjuntos de pais do romance familiar: o real e o ideal. Os pais humildes e nobres no mito têm uma identidade psicológica semelhante àquela encontrada nas fantasias infantis, por isso os mitos costumam começar suas narrativas com genitores nobres, correspondendo a sobrevalorização dos pais no início da infância.

Segundo Rank (1909/1990), o romance familiar serve como uma justificativa para os sentimentos hostis que a criança tem em relação ao pai, os quais ela projeta nessa ficção, ou seja, o abandono no mito reflete o repúdio no romance familiar. Na dinâmica desse romance, a criança busca libertar-se da autoridade paterna, enquanto no mito é o pai que busca se livrar do filho, portanto, o mito apresenta uma inversão das condições encontradas no romance familiar. A narrativa de resgate por pais humildes e vingança contra os pais biológicos, é resultado dessa fantasia infantil.

Rank (1909/1990) discorre que os mitos apresentam os pais como os primeiros antagonistas do herói, destacando a base do romance familiar na sensação de abandono e na suposta hostilidade parental. Observa também que, em alguns mitos, essa hostilidade é tão extrema que os pais resistem até mesmo ao nascimento da criança. Se o herói nasce apesar da oposição dos pais, o perigo de vida associado ao nascimento, simbolizado pelo abandono, reflete a realidade do próprio ato de nascer. Considerando esses desafios, o herói supera as maiores dificuldades desde seu nascimento, ao enfrentar com sucesso todas as tentativas de impedir sua existência. Em outras palavras, nascer é a primeira grande tarefa que o herói

consegue superar.

O romance familiar revela que o estranhamento da criança em relação aos pais é, na verdade, uma confirmação de sua verdadeira relação de parentesco com eles (Rank, 1922/2020). O mito do abandono busca afirmar, por meio do simbolismo, que a mãe do herói o trouxe ao mundo seguindo as ordens do pai. Como resultado do padrão mitológico e da transferência da hostilidade da criança para os pais, a declaração da verdadeira paternidade se manifesta na forma de uma recusa.

Por meio de uma investigação mais detalhada percebemos que a atitude hostil do herói em relação aos seus pais recai principalmente sobre o pai. Na maioria das vezes o que ocorre, como no mito de Édipo, Paris, entre outros, é que o pai recebe a profecia de que uma desgraça o atingirá em razão do filho esperado; com isso, o pai é levado a abandonar o menino, e a persegui-lo e ameaçá-lo de todas as formas após a inesperada salvação dele; ainda assim, concretizando a profecia, o pai sucumbe perante o filho. (RANK, 2020, p. 108)

Entretanto, Rank (1922/2020) também afirma que a recusa em aceitar o nascimento do filho, especialmente por parte do pai, muitas vezes oculta um desejo inconsciente de ter um herdeiro, que é manifestado como hostilidade contra o sucessor do trono, atribuindo essa culpa a um oráculo que funciona como substituto do presságio de desgraça ou como uma interpretação equivalente do mesmo. Esse desejo de ter um herdeiro seguido pela rejeição da criança pode ser visualizado nos mitos de Édipo e Perseu.

No mito de Édipo, segundo Eurípides (*As Fenícias*, vv. 10-40), o rei Laio desejava muito ter um filho, mas não conseguia engravidar sua esposa. Então, ele decide ir até o oráculo de Delfos para pedir herdeiros aos deuses, mas recebe um aviso do deus Apolo para não ter um filho, pois, se o tivesse, este o mataria. Após ouvir o oráculo, Laio passa a evitar o leito da rainha para escapar de seu destino. Porém, em uma noite de embriaguez, esquece-se da prudência e deita-se com sua esposa, que acaba engravidando. Ele ordena que a criança seja exposta no rochedo de Citéron, mas Édipo sobrevive.

Quanto ao mito de Perseu, é relatado por Apolodoro (*Biblioteca*, II, 4. 1) que Acrísio, rei de Argos, tinha apenas uma filha chamada Dânae, e consultou um oráculo para descobrir como poderia gerar filhos do sexo masculino, mas o oráculo informa-lhe apenas que Dânae teria um filho que o mataria. Então, Acrísio encarcerou Dânae em uma câmara de bronze no subsolo, para evitar o nascimento de um neto. Entretanto, este feito não impediu Zeus de unir-se a Dânae que concebeu Perseu. Após o nascimento de Perseu, Acrísio abandona Dânae e o seu filho no mar dentro de um baú, mas eles sobrevivem e são resgatados por Díctis, que adota a criança.

Rank (1922/2020) enfatiza também que os mitos que descrevem os heróis como bebês abandonados em rios dentro de um recipiente fechado, como os mitos de Moisés e Sargão, são uma expressão simbólica do processo de nascimento. Segundo o livro de Êxodo (2:1-10), a mãe de Moisés precisou abandoná-lo no rio Nilo dentro de um cesto de juncos para salvá-lo, pois o Faraó havia ordenado a morte de todo bebê hebreu do sexo masculino. Já no texto "*The birth legend of Sargon*"⁴ (vv. 1-13), é dito que a mãe de Sargão era uma sacerdotisa que, após dar à luz em segredo, o abandonou no rio Eufrates dentro de uma cesta. Ele foi encontrado por um carregador de água chamado Aqqi, que o adotou. Assim, de acordo com a explanação de Rank, os cestos são interpretados como símbolo do útero materno, a água representa o líquido amniótico, e a remoção da criança do rio reflete o procedimento do parto.

Entretanto, Rank (1922/2020) observa que, apesar da narrativa do abandono ser a mais comum, também existem tradições onde a salvação do herói acontece mediante a substituição por outro bebê, como exemplificado no mito de Ciro. Segundo Heródoto (*Histórias*, I, 107-113), o rei Astíages da Média, avô de Ciro, ordenou a morte de seu neto após ter sonhos proféticos de que o bebê o destronaria. O

4 "A lenda do nascimento de Sargão" em tradução livre, é um texto babilônico encontrado no tablete AO 7673, que atualmente pertence ao departamento de antiguidades orientais do Museu do Louvre.

general Hárpagos recebeu a tarefa, mas delegou-a ao pastor Mitrídates, cuja esposa tinha dado à luz a uma criança natimorta. Após ver o bebê real, a esposa de Mitrídates o convence a não matar a criança, decidindo entregar o seu filho já morto para Hárpagos, enquanto criavam Ciro como seu próprio filho.

Rank (1922/2020) visualiza essa substituição como uma forma adicional da hostilidade parental, já que a morte de outra criança foi necessária para salvar a vida do herói. Essa narrativa contribui para a idealização da dinâmica familiar do herói, uma vez que ela destaca os desafios e obstáculos enfrentados por ele desde o início, engrandecendo sua jornada. Rank observa também que, muitas vezes a criança substituta tem um papel mais ativo, podendo ser retratada como irmão gêmeo do herói. No entanto, enquanto o herói tem uma origem divina, seu meio-irmão gêmeo é totalmente mortal, como no mito de Hércules e Íficles.

Segunda a tradição registrada por Apolodoro (*Biblioteca*, II, 4. 8), a rainha Alcmena deu à luz gêmeos, mas somente um dos bebês (Íficles) era filho de seu marido, o rei Anfítrio. A outra criança (Hércules) descendia de Zeus sendo, portanto, um semideus. Enquanto Hércules realizou grandes feitos e tornou-se um dos heróis mais famosos da Grécia, Íficles raramente é mencionado pelos escritores gregos, morrendo em uma campanha que Hércules empreendeu contra Hipocoonte (*Biblioteca*, II, 7. 3). Rank visualiza esses irmãos obscuros como “duplos” do herói, que precisam desaparecer após o protagonista alcançar fama. Em outras palavras, da mesma forma que o herói precisa afastar-se de seus pais para iniciar sua jornada, seu irmão precisa ser eliminado para que ele consiga visibilidade, evitando concorrência futura com um adversário semelhante (Rank, 2020, p. 136).

O Animal Totêmico

A principal diferença entre a edição de 1909 de “O Mito do Nascimento do Herói” e a edição de 1922 é a inclusão de reflexões acerca da doutrina da filiação totêmica na terceira parte do livro. Pois, em 1913, Freud publicou “Totem e Tabu”, que trouxe muitas contribuições da aplicação da Psicanálise à Antropologia e aos estudos da religião. Portanto, se na primeira edição de “O Mito do Nascimento do Herói” Rank discorreu sua teoria apenas no contexto do romance familiar e na estrutura da “lenda padrão”, na edição ampliada de 1922 o autor também identificou “totens” nas narrativas mitológicas, principalmente na figura dos animais.

Os animais têm participação ativa em muitos mitos, aparecendo principalmente em dois momentos da vida do herói: a infância e a fase adulta. Durante a fase adulta, o animal aparece para o herói como um monstro que ele precisa derrotar para conquistar fama. Já na infância, o animal costuma aparecer logo após o abandono, salvando, protegendo ou até mesmo amamentando o herói como acontece no mito de Rômulo.

Segundo Tito Lívio (*História de Roma*, I, 4), Rômulo e Remo eram filhos gêmeos de Reia Sílvia, filha de Numitor, rei de Alba Longa, que foi destronado por seu irmão Amúlio. Para garantir o trono, Amúlio matou os descendentes masculinos de Numitor e forçou Reia Sílvia a se tornar uma vestal. No entanto, ela engravidou do deus Marte e deu à luz Rômulo e Remo. Amúlio, como punição, prendeu Reia e ordenou que seus filhos fossem jogados no rio Tibre. Milagrosamente, o cesto com os bebês encalhou na margem do rio, onde foram encontrados e amamentados por uma loba. Rank (1922/2020) argumenta que nesses mitos o animal substitui a mãe do herói abandonado, e visualiza nessa narrativa uma manifestação da doutrina da filiação totêmica, conforme defendida por Freud (1913/2012) em “Totem e Tabu”:

Mas o que é o totem? Via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), que tem uma relação especial com todo o clã. O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar, que lhe envia oráculos, e, mesmo quando é perigoso para outros, conhece e poupa seus filhos. (FREUD, 2012, p. 12)

Segundo Freud (1913/2012), o totemismo é uma prática onde os totens, que geralmente são animais, são considerados sagrados e servem como símbolos de um grupo social. Freud compreendia o totemismo como a primeira forma de organização social humana, onde os membros da sociedade totêmica veneram o totem como o ancestral comum da tribo e evitam relações sexuais dentro de seu grupo. O totem também possui uma função auxiliadora, protegendo seus descendentes e sendo protegido por eles, assim, Rank (1922/2020) entende que o aspecto protetedor do totem reflete o papel salvador da mãe animal no mito. Em outras palavras, durante a fantasia do romance familiar, a mãe do herói o salva da perseguição paterna, aparecendo no mito como um animal totêmico salvador e nutridor.

Entretanto, se o animal que aparece no mito durante a infância representa a mãe do herói, o animal totêmico que aparece para ele durante a fase adulta simboliza o seu pai. Pois, segundo a doutrina da filiação totêmica, a veneração de um determinado animal (totem) como ancestral comum do grupo resulta em uma identificação inconsciente desses animais com a figura paterna, e alguns povos expressavam essa relação de forma muito direta, considerando-se descendentes do totem de maneira mais que metafórica (Freud, 1913/2012).

O totem é transmitido hereditariamente, por linha materna ou paterna. A primeira forma é provavelmente a original em toda parte, apenas depois sendo substituída pela segunda. A relação com o totem é o fundamento de todas as obrigações sociais para um australiano; ela se sobrepõe ao fato de pertencer a uma tribo, por um lado, e ao parentesco sanguíneo, por outro lado. (FREUD, 2012, p. 12)

Na tentativa de encontrar uma explicação para a origem do totemismo e das organizações sociais, Freud acaba desenvolvendo o “mito da horda primeva”. Neste mito, Freud (1913/2012) imagina uma comunidade primitiva, chamada de horda primeva, onde havia um pai dominante que exercia poder absoluto sobre o grupo. Este pai tinha controle exclusivo sobre todas as mulheres e mantinha os filhos subordinados. Ressentidos e oprimidos pelo pai tirânico, os filhos acabam unindo-se para matá-lo. Porém, após esse assassinato, eles experimentam um profundo sentimento de culpa e arrependimento, pois perceberam a importância do pai tanto como figura de autoridade quanto como provedor. Então, para lidar com os sentimentos de culpa e a ansiedade gerados pelo parricídio, os filhos criam um totem em substituição ao pai morto, e assim, o totem torna-se uma figura sagrada que representa o pai, sendo venerado por todos os membros do grupo.

Freud (1913/2012) argumenta que esses eventos marcam o início da religião e da moralidade, pois, juntamente com a criação do totem surgem tabus específicos, especialmente as proibições contra o incesto e o assassinato. Esses tabus funcionam como regras sociais que proíbem a repetição do parricídio e regulam as relações sexuais. O mito da horda primeva também pode ser visualizado como uma ampliação do Complexo de Édipo, onde Freud postula que todos os indivíduos passam por um estágio de desenvolvimento em que sentem desejo pelo genitor do sexo oposto, rivalizando com o genitor do mesmo sexo. O parricídio primordial seria uma manifestação coletiva deste conflito individual.

Levando todo esse contexto em consideração, Rank (1922/2020) observa que, após tornar-se adulto, o herói precisa enfrentar muitas provas que colocam sua vida em risco, chamando esses desafios de “prova de virilidade”. Na visão de Rank, a prova de virilidade aparece como uma substituição do mito do abandono, pois, da mesma forma que o herói precisa ser abandonado durante a infância para conseguir sobreviver a perseguição paterna, ele precisa superar trabalhos impossíveis durante a fase adulta para ter seu heroísmo reconhecido. Em muitos mitos, a prova de virilidade é a necessidade de enfrentar um monstro animalesco por ordem de um tirano que, muitas vezes, é o próprio pai do herói. Em outras palavras, a hostilidade paterna continua mesmo após a fase adulta.

O filho satisfaz em terras estrangeiras seus atos de rebeldia e o impulso assassino geralmente contra substitutos, ou com ainda mais frequência, contra monstros do reino animal (sacrifício totêmico). Assim, por meio da resolução da tarefa que o pai lhe dera (em busca de sua ruína) ele se transforma: de filho insatisfeito passa a ser um reformador valoroso; aquele que subjuga monstros comedores de gente ou destruidores de terras; um descobridor, fundador de cidades; um representante cultural, como o povo grego, tão culturalmente elevado, demonstra por meio de seus heróis Heracles, Perseu, Teseu, Édipo, Belerofonte, entre outros. (RANK, 2020, p. 113)

Todos os heróis gregos apontados por Rank na citação acima tiveram que derrotar monstros do reino animal por ordem de algum tirano que tenta matá-los. Rank (1922/2020) compreende que esses monstros podem ser interpretados como substitutos do pai por causa de seu significado totêmico, e que muitos desses heróis não só sobrevivem aos monstros, como também derrotam os tiranos, tornando-se reis e/ou fundadores de cidades. Rank entende que a ação de suceder o trono do tirano pode ser interpretada como substituição do parricídio, pois, o heroísmo está na superação do pai, de onde surge tanto o abandono do herói quanto as tarefas que ele deve realizar.

O Pai E O Tirano

Rank (1922/2020) também visualiza outras semelhanças entre mito da horda primeva com o mito do herói, pois, da mesma forma que os filhos da horda primeva matam o pai primordial como resposta pela sua tirania, o herói mitológico vingam-se de seu genitor após sofrer com sua perseguição e hostilidade. Entretanto, Rank averigua que a rebelião do herói contra o pai não é apenas uma resposta ao comportamento hostil do tirano, mas sim, resultado das projeções psicológicas das crianças. Em outras palavras, a hostilidade do tirano para o herói é uma projeção dos próprios sentimentos hostis das crianças contra seus genitores.

Assim, Rank (1922/2020) observa que os mitos podem ser caracterizados como estruturas paranoicas, pois eles separam elementos que estão unidos na fantasia. A paranoia, segundo a Psicanálise, é uma psicose crônica caracterizada por delírios sistematizados e pelo predomínio da interpretação (Laplanche; Pontalis, 2001, p. 334). Quando Rank afirma que os mitos são “estruturas paranoicas”, ele provavelmente está falando da forma como as narrativas mitológicas separam e suavizam elementos da fantasia para torná-los mais acessíveis e afáveis, da mesma forma que os delírios da paranoia são uma tentativa do indivíduo de lidar com conflitos inconscientes.

A separação dos pais mitológicos entre biológicos e adotivos, sendo um deles aquele que persegue o herói, e o outro sendo aquele que o acolhe, é um exemplo de como a estrutura paranoica pode ser visualizada nos mitos. Essa diferenciação entre o pai biológico da figura do tirano perseguidor, é uma forma do mito suavizar a hostilidade do herói contra o seu pai.

Na forma original e psicológica, o pai é semelhante ao rei, o perseguidor tirânico. O primeiro estágio de atenuação dessa relação é demonstrado pelos mitos nos quais ocorre a tentativa de separar o perseguidor tirânico do verdadeiro pai, embora não se consiga fazê-lo inteiramente. (RANK, 2020, p. 115)

Rank (1922/2020) afirma que a primeira etapa de suavização dessa hostilidade é quando o perseguidor do herói não é o seu genitor, entretanto, informa que os mitos nunca conseguem realizar essa separação de forma totalmente satisfatória, pois o tirano continua sendo parente do herói. Dessa forma, o perseguidor do herói permanece sendo alguém que desempenha uma função paterna para ele, mesmo

que não seja o seu pai de fato.

Rank (1922/2020) observa também que, nos mitos em que essa separação entre pai e tirano acontece, o herói busca reaproximar-se de seus genitores, e que essa aproximação costuma ser ainda mais intensa com a mãe, que muitas vezes também é abandonada e perseguida pelo tirano, como foi visualizado no mito de Perseu. Nos mitos em que o perseguidor tirânico é o avô do herói, é possível observar um segundo correlato ao tema de Édipo, que seria a relação erótica entre pai e filha. Nessas narrativas o pai não quer que a filha se case e tenha filhos, encarcerando-a em algum lugar para manter sua virgindade, e assim que sua ordem é desobedecida, ele persegue a sua filha e o neto. Rank entende que o real motivo por trás dessa atitude do pai é o desejo inconsciente que ele sente pela filha, e sua atitude hostil será vingada pelo neto posteriormente.

Outra forma de suavizar a relação entre o herói e o pai tirano, é quando o mito revela que a verdadeira paternidade do herói pertence a um deus. Nesses mitos, uma virgem é fecundada por um ser divino e depois se casa com um mortal, que participa da criação da criança, o que demonstra que a paternidade divina é secundária ou sobreposta. Essa narrativa reforça a virgindade da mãe e a rejeição da figura do pai mortal, introduzindo um elemento divino que realça a transcendência e a pureza do nascimento do herói.

Por fim, a última etapa de suavização da hostilidade contra o pai é visualizada em mitos onde o perseguidor não tem nenhuma relação de proximidade ou parentesco com o herói como acontece na lenda de Feredum (Rank, 1922/2020). Segundo a “Épica dos Reis” (*Shahnameh*, 1.), Feredum foi perseguido por um tirano chamado Zohak, após este ter um sonho profético de que Feredum o destronaria, mesmo sem ter nenhuma proximidade especial com a criança. Entretanto, Rank observa que mesmo quando não há parentesco, o perseguidor continua sendo uma figura com poder e autoridade.

Embora da tríade original que constituía sua figura – enquanto pai, rei e perseguidor – apenas o papel de rei perseguidor ou tirano tenha permanecido, têm-se a impressão, a partir de toda estrutura do mito, de que nada se alterou, e que apenas trocou-se a denominação “pai” pela denominação “tirano”. (RANK, 2020, p. 117)

Segundo Rank (1922/2020), existe uma identificação inconsciente do rei com o pai vinda da origem da realeza a partir do patriarcado na família e que, mesmo em sonhos de adultos, o pai é inconscientemente identificado com o rei, o que demonstra como essas figuras estão interligadas na psique humana. Em resumo, mesmo na forma mais suavizada da hostilidade contra o pai, o mito não consegue dissociar totalmente a relação entre o pai do herói com o tirano que o persegue.

O Herói Como “Eu Coletivo”

Rank (1922/2020) afirma que os mitos são resultados da fantasia humana e que refletem nossos desejos inconscientes, semelhantemente aos sonhos. Assim, Rank entende que os mitos são “sonhos coletivos” do povo que o criou, pois, assim como os sonhos individuais revelam desejos e conflitos internos, os mitos refletem preocupações e aspirações compartilhadas por uma comunidade. Rank observa que os mitos ilustram o desejo do herói de se desvincular dos pais, um tema que também aparece na fantasia do romance familiar e conclui que, se o “eu” da criança se comporta como os heróis mitológicos, esses heróis podem ser vistos como símbolos representativos do “eu coletivo”, pois eles incorporam diversas qualidades e desejos que são compartilhados pela comunidade.

Em outras palavras, para Rank (1922/2020), os mitos têm funções sociais significativas, onde os heróis mitológicos desempenham papéis cruciais na sociedade ao refletirem e abordarem questões psicológicas e emocionais que são universais. A principal função social do herói é permitir que os membros de uma

cultura se identifiquem coletivamente com os mitos, revisitando e simbolicamente revivendo sua própria história infantil e seus desejos de autonomia e independência.

Rank (1922/2020) conclui que os mitos não emergem diretamente do herói, mas são elaborados pelos adultos de uma sociedade. A inspiração para a criação de um mito advém da admiração pelo herói, cuja vida extraordinária é interpretada a partir de uma infância milagrosa. Esta infância é construída pelos criadores dos mitos que projetam suas vivências infantis na narrativa do herói, identificando-se assim com ele. Rank também argumenta que, enquanto “eu coletivo”, o herói mitológico encapsula conflitos e aspirações universais, especialmente a revolta contra a autoridade paterna, conforme representada no mito da horda primeva. Este processo está profundamente enraizado nas experiências infantis, onde a busca pela independência e a separação dos pais são temas centrais.

Segundo Rank (1922/2020), verdadeiro herói do mito é o ego, que se encontra na figura do herói ao recordar o tempo em que ele mesmo fora um herói, começando com seu primeiro ato heroico: a revolta contra o pai. Rank acredita que o ego só consegue encontrar seu heroísmo na infância, e por isso desloca sua revolta para o herói, atribuindo-lhe um heroísmo que fora seu, e realiza esse desejo usando temáticas da infância, e inserindo seu próprio romance familiar na história do herói. Dessa forma, o adulto cria os mitos retornando à fantasia da infância e atribuindo ao herói sua própria história infantil.

Além disso, Rank destaca que os mitos do herói servem para justificar a insurreição individual contra a opressão parental, simbolizando a luta do “eu” contra a autoridade tirânica. Este aspecto do mito tem uma função legitimadora, permitindo que os indivíduos e a comunidade como um todo racionalizem e justifiquem sua hostilidade em relação à figura paterna, ao mesmo tempo em que manifestam sentimentos de ternura e ambivalência em relação a essa figura.

Para Rank (1922/2020), a vitória do herói contra os poderes tirânicos não representa apenas tendências infantis, mas também uma parte da história primordial dos tempos antigos, onde o ego reivindica essa ação formadora da cultura. Em outras palavras, a função do mito do herói não é somente admirar e reconhecer as façanhas do herói mítico, mas também permitir que todo o povo criador de mitos se reconheça como herói, com cada membro podendo reivindicar para si o ato heroico original.

Rank (1922/2020) salienta que, mesmo que os filhos não tenham o seu pai real, o medo primitivo pelo pai primordial permanece, afirmando que algumas fantasias neuróticas demonstram esse medo pelo pai originário. A criação de mitos têm a tendência de justificar a insurreição revolucionária do indivíduo contra o pai pela sua opressão, assim, o indivíduo pode justificar a sua hostilidade. Entretanto, Rank também observa que os mitos manifestam sentimentos de ternura em relação ao pai:

Esses mitos surgiram por dois motivos opostos, os quais subordinam-se ao tema da justificação do indivíduo por meio do herói: por um lado, o tema da ternura e gratidão em relação aos pais, e, por outro lado, o tema da insurreição contra o pai. (RANK, 2020, p. 131-132)

Essa ternura é observada de forma mais explícita nos mitos onde o herói precisa salvar um rei, ou vingar o seu pai. Rank (1922/2020) acredita que esses mitos ilustram o desejo dos heróis de se reconciliarem com seus pais, e que a origem dessa reconciliação pode ser a identificação progressiva com o pai e o medo da vingança. Após a fase adulta, o filho busca uma reconciliação com a ideia de paternidade para que seu próprio filho também o poupe no futuro, assim, ele preserva a vida do pai como uma forma de gratidão pela sua própria vida.

Rank (1922/2020) entende que essa fantasia pode ser interpretada como um processo de resolução e reconciliação dentro do contexto do romance familiar, pois o filho, como uma forma de retaliação por sua história de infância, coloca o pai em um grande perigo de vida, apenas para resgatá-lo posteriormente. Este ato simbólico pode representar uma mudança cultural por parte da nova geração em comparação

com a geração anterior, sugerindo uma maior capacidade de generosidade em face de desafios complexos. Ao materializar essa fantasia na imaginação, o filho reproduz simbolicamente os desejos e emoções que experimentou em relação ao pai ao longo da vida, resultando em uma identificação mais profunda com o pai, contribuindo para superação de complexos emocionais relacionados ao pai e ao romance familiar.

Considerações Finais

Após investigar as duas edições de “O mito do nascimento do herói”, percebemos que Otto Rank ainda era um pesquisador muito próximo de Sigmund Freud enquanto desenvolvia essa obra, sendo bastante inspirado pelos trabalhos do fundador da Psicanálise. Entretanto, Rank traz muitas contribuições interessantes, analisando e explorando os mitos com um aprofundamento que o próprio Freud nunca realizou.

Na edição de 1922, Rank não altera e nem renuncia nenhuma das ideias que haviam sido apresentadas na edição de 1909. Ele apenas amplia o seu conteúdo, acrescentando reflexões derivadas das contribuições de “Totem e Tabu” (1913/2012), o que tornou suas teorias e análises sociais dos mitos ainda mais marcantes. Rank conclui sua obra afirmando que o verdadeiro protagonista do mito é o ego dos adultos, que associa-se ao herói ao recordar sua própria experiência de infância heroica, especialmente em sua rebelião contra a figura paterna.

Rank (1922/2020) sustenta que os adultos transmitem seus traços heroicos da infância para o herói mítico, utilizando elementos e narrativas da infância para elaborar a história do herói. O triunfo do herói sobre o tirano não apenas reflete características infantis, mas também expressa uma afirmação cultural do ego adulto, e que o mito do herói não apenas enaltece o herói, como também possibilita que toda a comunidade que o criou entenda-se como dotada de heroísmo, com cada indivíduo podendo reivindicar a autenticidade heroica original. Portanto, entende-se que “O mito do nascimento do herói” é uma obra que continua relevante, trazendo contribuições importantes para a aplicação da Psicanálise à Mitologia.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos. *In: FREUD, S. Obras completas*, v.4. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p.13-25.

FREUD, S. A Questão da Análise Leiga. *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Tradução de J. Salomão. Vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 110-164.

FREUD, S. O romance familiar dos neuróticos. *In: FREUD, S. Obras completas*, v. 8. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 295-298.

FREUD, S. Totem e Tabu. *In: FREUD, S. Obras completas*, v. 11. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 10-157.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4o Edição, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

RANK, O. **O Mito do Nascimento do Herói**. Tradução de Constantino Luz de Medeiros. São Paulo, Cienbook, 2020.

RANK, O. The Myth of the Birth of the Hero. *In: In Quest of the Hero*. Tradução de F. Robbins e Smith Ely Jellifree. Nova Jersey: Princeton University Press, 1990. p.3-88.

PADOVAN, Caio; DARRIBA, Vinicius (2016). A noção de psicanálise aplicada nos primeiros anos do movimento psicanalítico. **Psicologia USP**, v. 27, n. 1, p. 104–114, 2016.

PADOVAN, C.; MULLER, N. Sobre o Narcisismo, uma tradução. *In*: RANK, Otto. Uma contribuição sobre o narcisismo. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. -2, p. 2, 2016.